



NAVARRO DE ANDRADE -PAI DO EUCALIPTO BRASILEIRO.

PEDRO UMBERTO ROMANINI

Era um homem muito rico de sociabilidade. Vendendo sempre bom humor, sabia encantar as pessoas mais diferentes. Tinha a faculdade de monopolizar uma conversa, durante horas, sem que nenhum dos ouvintes desse mostra de fadiga. Navarro não admitia o jogo e a mentira, esta, com uma exceção: mentir para mulher. Dizia sempre: "Se a sua mulher o pegar em flagrante, traindo-a, jure inocência até a morte, se necessário. Se você confessar o erro, ela jamais o perdoará; porém, se jurar inocência, com o tempo ela passará a duvidar de si própria, achando que tudo não passou de uma ilusão de óptica." Personalidade marcante, Navarro detestava pessoas sem caráter e, quando se referia a estas, dizia: "Fulano é amorfo, toma a forma que o contém, se colocado em um vaso, é flor, se colocado em uma lixeira, é lixo." Não teve filhos. Dedicou, porém, todo o seu carinho ao sobrinho Armando Navarro Sampaio, a quem criou desde os três anos de idade. Quando se referia ao fato, sua voz ganhava doçura e sonoridade paterna e comentava: "A quem Deus não dá filho, o diabo dá sobrinho e, por sinal, bastante malcriado." Os olhos, que os tinha castanhos e miúdos, e que geralmente faiscavam inteligência, só se tornavam tristes quando se referia ao fato de ser um descrente. Esta era a sua maior tristeza. No Serviço Florestal, ouvem-se, ainda hoje, os conselhos deixados pelo grande chefe. E tenta-se imitá-lo.

cespaulista

é publicação bimestral da
Centrais Elétricas de
São Paulo S.A. — CESP e da
Companhia Paulista de
Força e Luz — CPFL

para distribuição gratuita a seus
funcionários, autoridades em geral,
concessionárias de energia elétrica,
órgãos de divulgação e retribuição
a revistas de empresas.

Presidente da CESP — CPFL:
Luiz Marcello Moreira de Azevedo

DIRETORIA DA CESP: Ruy Macha-
do Guimarães, Geraldo Queiroz Si-
queira, Octavio Augusto Guariento
Sampaio, Oswaldo Baumgarten,
Constantino de Campos Fraga, Os-
valdo Vasconcelos Malmegrin e Te-
ruaki Eguti. — **DIRETORIA DA**
CPFL: Aldino Mendes dos Santos,
Juvenal Athayde Leite, Wagner G.
Machado, Fernando Quartim de Fi-
gueiredo Barbosa e João Abeid.

Diretor:
Mario Donato

Secretária de Redação:
Dinaura Landini Freire

Assessores:
Paulo Bento Nogueira (CESP)
José Ovídio de Andrade (CPFL)

Colaboradores deste número:
Pedro Umberto Romanini
Helena Silveira
Everton Capri
Magda Nogueira
Sergio Miguel
Enedina Quinelato

Além dos redatores e colaborado-
res expressamente citados, colabo-
ram nesta revista todos os órgãos
e departamentos da CESP e CPFL.

REDAÇÃO: Bernardo Lerer, Sérgio
Castro Lima, Luzia Pimentel e Fran-
cisco Chagas de Moraes Filho. **RE-**
VISÃO: Maria Angela Baraldi Soila.
ILUSTRAÇÕES E APRESENTAÇÃO
VISUAL: Durval Felisberto, Antonio
Domingues e Adelino Carlos Grave.
CHARGE: Zélio. **FOTOS:** Olímpio
Saynoviski, Gino Lovecchio, ENE-
BE e Agência Estado. **COMPOSI-**
ÇÃO: Linoart Ltda. **PRODUÇÃO**
GRÁFICA: Paulo Ornelas e Francis-
co Dominguez.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Avenida Paulista, 2064, 1.º, fone:
287-4121. **IMPRESSÃO:** Setor Gráfi-
co da CESP, Rua Major Paladino,
126, Vila Leopoldina, SP.

Tiragem: 20.000 exemplares

EDITORIAL

O que temos visto, lido e ouvido sobre a devastação dos recursos naturais brasileiros nos últimos tempos chega a ser assustador. São rios poluídos que morreram ou estão para morrer, florestas que são dizimadas, é a própria vida que vai ficando cada vez mais difícil nos grandes centros urbanos.

Dirão alguns que é o preço do progresso. Será que o progresso não pode ser atingido com mais cuidado e respeito pela natureza? O que conforta é saber que alguns poucos se preocupam com isso. O que conforta um pouco também é verificar que esta revista se deu ao trabalho de mostrar, ao lado de todo o problema, a obra de Navarro de Andrade, um pioneiro do reflorestamento no Brasil, quando ainda não existia toda essa legislação de incentivos para o reflorestamento.

Porque, ao lado das denúncias, deve haver a preocupação de se mostrar o que existe de positivo num trabalho de recuperação de áreas devastadas ou mesmo a necessidade de preservação do próprio meio ambiente. E isso sempre será um estímulo, quando não um exemplo.

Nestas poucas linhas, diríamos que a própria CESP vem se preocupando em recuperar áreas nas bacias de acumulação, visando à conservação e proteção dessas próprias bacias, por meio do reflorestamento. E os viveiros implantados, a par do constante trabalho de reflorestamento, embora numa escala que pode ser aumentada, deve ser compreendido e estimulado. Afinal, a empresa tem suas responsabilidades perante a coletividade e, além do objetivo básico, que é gerar energia elétrica, a concessionária se preocupa em causar o menor impacto possível na sua área de atuação.

Não obstante o verde seja necessário, acreditamos que uma pequena modificação na legislação de incentivos poderá trazer benefícios maiores. A escala industrial imposta ao reflorestamento, o que é correto como filosofia, tem criado florestas uniformes de eucaliptos ou pinus. Quem sabe pudéssemos obrigar esses grandes projetos de reflorestamento a reservar uma parcela pequena, que não o prejudicasse em sua economicidade, para a implantação de essências nativas da região? Pelo menos poderíamos recompor parte do que foi devastado em tão pouco tempo e que a própria natureza levou milhões de anos para formar. Em todo caso, face aos constantes alertas que têm saído, cremos que haverá para o futuro a preocupação de pelo menos preservar o pouco de recursos naturais que temos no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil e de manter melhor toda a pujança de nossa Amazônia.

TERUAKI EGUTI
Diretor de Patrimônio e Desapropriações



"Meu Edmundo. Estou muito arrependido de tê-lo feito partir na segunda-feira, porque tenho de ter aqui uma demora maior do que esperava e estes dias podia eu ter a v. aqui no Brejão, onde, para mim, v. já faz muita falta. Espero que tenha chegado bem em São Paulo, com muito juizinho, bem comportado, bem lembrado dos meus conselhos e com um pouco de saudades minhas. Somos conhecidos de há tão pouco, mas penso que a novidade para as crianças, como v., dá a tudo uma certa graça. Tenho pensado muito no que se pode fazer de v. Creio que se poderá fazer alguma coisa menos má. Tudo depende de si mesmo. Em todo caso, como meu projeto é do seu agrado, estou sempre convencido de que deve ir para uma carreira que lhe garanta uma vida no campo, ao ar livre, com muitas árvores, muito gado manso e verdura. Nada de literatices de cidade, que dão em deitar-se às cinco da manhã, com muito mau estômago.

O curso da Escola de Gembloux é de três anos. O preparo para a entrada poderá exigir um ano, pois v. está muito atrasado. Sendo assim, lá por 1899 poderá v. estar aqui de volta, doutor em batatas, coisa muito mais interessante do que isto de leis, medicina ou engenharia. Se Deus quiser e v. não contrariá-lo, creio que terei esse prazer então: o de receber o aluno de Gembloux muito entendido em queijos, forragens, manteigas, gado etc. Está claro que eu amo muito os meus bichos para sujeitá-los aos tratos de calouros que v. lhes querará dar. Servirá, porém, a sua ciência agrônoma para os cafés e para os bichos dos outros, com proveito para si e com um pouco de alegria de que bem precisa o coração deste seu padrinho afetoso: Eduardo Prado".

Esta carta notável, recebida de seu padrinho Eduardo Prado, o célebre autor da "Ilusão Americana", fez Navarro de Andrade decidir-se de vez, tomando a seguinte decisão, comunicada a seu padrinho nestes termos: "Para um jovem ardoroso que tinha escolhido o campo de batalha, o melhor que resta, sem dúvida, é ir para os campos de batata".

Tomada a decisão, rumou então Navarro, com o consentimento de seu padrinho, em 1896, para Coimbra, matriculando-se na Escola Nacional de Agricultura, onde o curso era de seis anos. Escolheu Coimbra pelo fato de lhe faltar preparo suficiente para ingressar na Escola de Gembloux, na França, onde o curso era de três anos.

Durante estes anos de estudo, por ocasião das "férias grandes", veio ao Brasil duas vezes, em 1899 e 1902, e numa delas passou todo o tempo na Fazenda Campo Alto, em Araras, então propriedade de sua madrinha. Já ali, pondo em prática os seus conhecimentos sobre arboricultura, podou todas as árvores frutíferas da fazenda, o que infundiu no respectivo administrador dúvidas sobre a sua ciência podadora e receio de que ele estragasse algumas plantas.

Foi ainda em Portugal, quando estudava, que teve ocasião de conhecer sábios

e artistas. Pela mão do seu padrinho, que todos os anos ia visitá-lo, foi levado a conhecer Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão e ficou sabendo, então, "até que ponto as belas letras aperfeiçoam o convívio humano". Privou também com Antônio Cândido, Guerra Junqueira, Antônio Feijó, Bordalo Pinheiro e outros mais, artistas e escritores do tempo.

Em 1901, sofreu Navarro tremendo golpe ao saber do falecimento de Eduardo Prado, passando, desde então, a custear-lhe as despesas com os estudos a sua madrinha, d. Veridiana Prado, genitora do falecido.

Regressando ao Brasil em 1903, já diplomado, dirige-se a São Paulo e vai residir na casa da Rua Visconde do Rio Branco, em que residira e falecera Eduardo Prado. Mas era na chácara de sua madrinha, e em sua companhia, que fazia as refeições. Esta convivência com a grande dama paulista exerceu notável influência na formação do caráter do jovem agrônomo.

Em 30 de dezembro deste mesmo ano, Navarro de Andrade é contratado pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro para exercer o cargo de diretor do Horto Florestal que esta empresa tratava de estabelecer próximo a Jundiá. E foi assim que, não contando ainda 23 anos de idade, ao assumir a direção do Horto Florestal da Companhia Paulista, Navarro ingressou na vida prática agrônoma.

Seus trabalhos foram iniciados em 1904, com a instalação do Horto de Jundiá, em terras já adquiridas pela Companhia, a 8 km da cidade. Navarro plantou ali, além de eucaliptos, muitas das essências indígenas, tais como a peroba, o jacarandá, o jequitibá, o cedro, o pinheiro do Paraná, bem como árvores exóticas, entre elas o cedro de Bussaco, o carvalho português, a casuarina, a grevilea etc., ao todo 95 espécies, para que desse cotejo fosse indicada a mais interessante, economicamente, para o reflorestamento almejado. Até então, não tinha Navarro nenhuma idéia preconcebida a favor ou contra o eucalipto.

Da comparação se destacaram de tal forma os eucaliptos, que, já em 1906, tendo a Paulista adquirido outra gleba de terra em Boa Vista, nas proximidades de Campinas, foram ali também plantadas várias espécies da árvore australiana.

Enquanto estudava o assunto reflorestamento, incansável, tenaz, dinâmico como sempre foi em toda a sua vida, Navarro completou o trabalho que o patriarca da nossa Independência, José Bonifácio, havia apresentado, em 1813, à Academia de Ciências de Lisboa, sobre o meio de combater às dunas, com a utilização de florestas. Assim, foi publicado, em 1904, seu primeiro trabalho em livro, "Dunas", que serviu igualmente para a sua tese de doutoramento. Pela excelência deste trabalho, o governo português agraciou-o com a Comenda de Cavaleiro da Ordem de Cristo, que lhe foi entregue pessoalmente pelo então rei de Portugal.



A bela indormida

conto de HELENA SILVEIRA
ilustração de Gerinaldo Garcia (Gerin)

Ela não dormia nunca, não dormia sempre. E as pessoas perguntavam, um pouco alarmadas, nas estações d'água, nos hotéis elegantes das praias onde a dama insone se deixava ficar, muito quieta, pelos terraços, fumando cigarros:

— Mas de vez em quando a senhora dorme, não é verdade? Dorme um pouquinho, passa por uma boa soneca?

E ela respondia que não, — com um jeito sossegado e doce de quem se sabia inexplicável. E existiam os que lhe aconselhavam o dr. Fulano, "que curou aquelas manias da Júlia", e os que conheciam re-

médios inenarráveis:

— Com esse a senhora dorme! Dorme como uma pedra!

E a senhora puxava do bolso do casaco solto um caderno pequeno, de capa carmesim, irmanado a uma diminuta lapiseira de prata. Anotava o nome do remédio, os cabelos a lhe caírem em pensativa leveza sobre a testa. E no dia seguinte o dono da receita inquiria vitorioso, ao vê-la, com aquele jeito evocativo, no terraço:

— E então? E então?

A dama apenas sacudia a cabeça, num

cansaço cordato, e o senhor tomava aquilo a modo de insulto pessoal, afastava-se para depois voltar, argumentando:

— Mas também a senhora não sabe que beira-mar é um veneno para os nervos?

Em beira-mar ou em montanha, em campo, em estação de águas ou em cidades, a verdade é que a senhora alta, loura e fina e pensativa e linda não dormia. Os olhos já se lhe desbotavam das insônias repetidas e os gestos cada vez se lhe amansavam mais, numa lardeza de músculos fatigados. A noite a empregadinha entrava no quarto, com o chá de malvas,